

PROLEGÔMENOS DIALÓGICOS DOS GÊNEROS DISCURSIVOS: O SENTIDO PARA ALÉM DOS LIMITES FORMAIS

Cristiano Sandim Paschoal⁷⁵

Luciana Saratt⁷⁶

Resumo: O presente artigo visa a discutir os elementos que circundam o universo textual-discursivo, contribuindo, dessa forma, para uma educação linguística que preconize o estudo dos sentidos que vão para além da mera taxionomia de classes gramaticais. Ancorando-se na Teoria Dialógica do Discurso, edificada pelo Círculo de Bakhtin, foram apresentados os princípios dialógicos inerentes à natureza dos gêneros discursivos, evidenciando sua necessidade semântica de evocar aquilo que lhe é externo. Para fins de aplicação teórica, analisaram-se diferentes materializações enunciativo-discursivas, percebendo-se, nesse movimento investigativo, que a extração de sentidos em manifestações verbo-visuais suscita um ato de leitura analítica que ultrapassa os limites formais de estudos linguísticos.

Palavras-Chave: Concepções de linguagem; Círculo de Bakhtin; Gêneros do discurso; Teoria Dialógica do Discurso; Translinguística.

Abstract: This paper aims to discuss the elements that involve the textual-speech universe, contributing to a linguistic education turned to the study of meanings instead of a mere taxonomy of grammar classes. Based on the Theory of Dialogic Speech, developed by the Bakhtin Circle, the dialogic principles from speech genres were presented, evidencing their semantic need to evoke what is external to them. As for theoretical application, different enunciative-discursive materializations were analyzed, which conducted to the observation that the extraction of meanings in verb-visual manifestations provides an act of analytic reading that goes beyond the formal limits of linguistic studies.

Keywords: Conceptions of language; Bakhtin Circle; Speech Genres; Theory of Dialogical Speech; Translinguistics.

Considerações iniciais

O sucesso da missão de introduzir o aluno na língua viva e criativa do povo exige, é claro, uma grande quantidade e diversidade de formas e métodos de trabalho. (BAKHTIN)

É possível observar que o hodierno contexto brasileiro é atravessado por grandes lacunas sociais, no que diz respeito às oportunidades de ascensão outorgadas aos cidadãos. À vista disso, a educação, ao atuar como uma ferramenta

75. Doutorando em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Membro do Grupo de pesquisa Tessitura: Vozes em (Dis) curso (CNPq/PUCRS). E-mail: cistiano.paschoal@edu.pucrs.br. ORCID: 0000-0002-1638-4120

76. Mestre em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Membro do grupo de pesquisa Discursos em Diálogo (CNPq/PUCRS). E-mail: luciana.saratt@edu.pucrs.br. ORCID: 0000-0001-5578-1164.

capaz de preencher essas discrepâncias que separam os estratos sociais, reclama a formação de brasileiros aptos a conviver em uma sociedade letrada. Nesse âmbito, é emergente a seguinte questão desequilibrante: em relação às competências da área de linguagens, como a escola está potencializando o desenvolvimento de habilidades que se apresentam como primordiais para que os sujeitos alunos participem integralmente das práticas socioculturais?

Evidentemente, a resposta para essa pergunta é bastante ampla, uma vez que, no Brasil, há uma complexidade no campo educacional, principalmente no que se refere às disparidades existentes entre setor público e privado. Entretanto, independentemente da dicotomia público versus privado, o processo de ensino-aprendizagem linguística na educação, tem sido, há um bom tempo, motivo de preocupação para especialistas da área. Tal preocupação nasce e, a cada ano aumenta, devido aos dados relacionados ao desempenho de estudantes brasileiros, divulgados por uma plataforma digital, criada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais (Inep).

Ao organizar diferentes mecanismos e metodologias avaliativas, o Inep se propõe a perscrutar o processo de ensino-aprendizagem em distintos níveis de ensino da educação básica por meio do Programa Internacional de Avaliação de Alunos - doravante Pisa. Segundo dados coletados na plataforma do Inep, o baixo desempenho dos estudantes no Pisa realizado em 2018, colocou o Brasil na 59ª posição, entre 79 países avaliados. No que tange à competência letramento em leitura, apenas 20% dos estudantes avaliados apresentam proficiência nível 6, considerado o ideal (Inep, 2018).

Entretanto, as dificuldades de aprendizagem e desempenho dos alunos brasileiros em relação ao uso da língua escrita, leitura e análise linguística englobam diversos fatores, inclusive culturais (no sentido de práticas pedagógicas instauradas historicamente), sócio-histórico (o fato de por muito tempo, no Brasil, o ensino e prática de ler terem sido usados como formas de segregação social, o brasileiro, no geral, não adquiriu o hábito da leitura), econômico (vivemos em um país cujo investimento em educação é vergonhoso), entre outros. Tendo em vista a diversidade fatorial que orbita a problemática em voga, sublinha-se que a intenção desse estudo não é responsabilizar algo ou alguém, uma vez que, devido à complexidade do assunto, interessa-nos, pelo contrário, contribuir, mesmo que timidamente, para uma mudança no quadro da educação atual. No entanto, não há como mascarar que um dos motivos nodais pela crise instaurada na educação linguística brasileira diz respeito aos fatores teórico-metodológicos adotados em sala de aula.

Arelado a isso, no Brasil, durante períodos governamentais que priorizaram a democratização do conhecimento, bem como a melhoria do universo

educacional, presenciou-se diversos discursos, materializados em documentos oficiais, que preconizam uma educação linguística voltada às práticas socioculturais. Nessa esteira epistemológica, sobrepuiu-se a Teoria Dialógica do Discurso, postulada pelo Círculo de Bakhtin, justamente por desenvolver em seus estudos, dentre muitas coisas, a temática dos gêneros imbricada às práticas sócio-históricas executadas por sujeitos ativos no *hic et nunc*. Contudo,

a leitura da obra bakhtiniana sofreu toda sorte de vicissitudes. Cada um lê o Bakhtin que serve a seus propósitos. Com o conceito de gêneros do discurso não foi diferente. No Brasil, o discurso pedagógico apropriou-se dele. Depois que os Parâmetros Curriculares Nacionais estabeleceram que o ensino de Português fosse feito com base nos gêneros, apareceram muitos livros didáticos que veem o gênero como um conjunto de propriedades formais a que o texto deve obedecer. O gênero é, assim, um produto e seu ensino torna-se, então, normativo. Sob a aparência de uma revolução no ensino de Português, continua-se dentro de uma mesma perspectiva normativa com que se ensinava gramática (FIORIN, 2016, p. 67).

Por isso, com vistas a contribuir para a formação de sujeitos ativos no que tange às práticas enunciativo-discursivas que configuram a sociedade brasileira, o presente estudo busca esboçar a natureza dialógica dos gêneros do discurso, evitando, ainda que de forma singela, a banalização dos preceitos teóricos que os circundam. Dessa forma, este estudo inicia seu percurso reflexivo, apresentando uma tríade conceitual de língua e linguagem preponderantes, uma vez que, a depender da concepção que o professor adota, o modo de se analisar os gêneros do discurso modifica, correndo-se o risco de limitar sua plasticidade constitutiva. Logo após, versar-se-á sobre os princípios basilares que norteiam a Teoria Dialógica do Discurso e, em seguida, evidencia-se a inerência dialógica dos gêneros por meio de diferentes materialidades linguístico-discursivas.

No que concerne à metodologia analítica, foram elencadas como objeto de escrutínio três materializações de distintos gêneros discursivos, a saber: uma receita médica, um cartaz e um meme. Durante o movimento investigativo empreendido neste artigo, traçou-se um percurso triádico que, marcado por três momentos em dialogicidade, respondeu ao nosso objetivo principal. Em um primeiro momento, observou-se de que maneira foi configurada a construção composicional de cada gênero discursivo em voga, destacando suas características gerais e linguístico-formais. Após, buscou-se, sumariamente, apontar os aspectos estéticos que constituíram a linguagem imagética de cada materialidade discursiva analisada. Por fim, tendo em vista as dimensões verbal e não-verbal averiguadas, pretendeu-se atrelá-las à dimensão extraverbal, sublinhando o fato de que, para a compreensão do todo semântico de um dado

gênero, faz-se necessário ultrapassar a inquirição de seus elementos formais, convocando, assim, a situação socio-discursiva que o gerou e o constitui axiologicamente.

As concepções de linguagem e língua e seus reflexos no estudo dos gêneros

Durante o percurso dos estudos linguísticos, a concepção de linguagem e de língua adquiriu diferentes perspectivas teóricas. Consequentemente, a relação existente entre a maneira de conceber tais objetos de análise e sua implicação para o ensino de língua materna é inegável, uma vez que a depender da concepção que o professor adotar perante o seu objeto de estudo, estruturará o seu modo de trabalhar, em termos didático-metodológicos. Segundo o linguista brasileiro João Wanderley Geraldi, em sua obra intitulada *O texto na sala de aula* (2004), existem, dentro do escopo da Linguística, três principais concepções de linguagem e, conseqüentemente, de língua: a) a linguagem é a expressão do pensamento; b) a linguagem é um instrumento de comunicação; c) a linguagem é uma forma de interação.

No que diz respeito à noção de linguagem enquanto **expressão do pensamento**, atesta-se que essa concepção se encontra atrelada à atividade exercida por filólogos gregos, que escreviam regras a serem empregadas na utilização da língua, baseando-se em obras clássicas literárias, a primeira concepção concebe a linguagem como sendo uma mera expressão do pensamento. Segundo essa visão, a linguagem é criada no interior da mente de cada sujeito, sendo que sua expressão ocorre apenas como uma representação do pensamento, não havendo, assim, uma reflexão a respeito do que foi pensado. Comungado a isto, tem-se uma concepção de língua como sendo algo homogêneo e estático, desconsiderando as circunstâncias sociais em que o ato comunicativo e enunciativo ocorre. Conforme Travaglia (1998, p. 22), “para essa concepção, o modo como o texto, que se usa em cada situação de interação comunicativa, não depende em nada de quem se fala, em que situação se fala, como, quando e para quem se fala”.

Logo, um ensino pautado apenas nessa concepção de linguagem e de língua compactuará com as ideias fundamentadas pela Gramática Normativa que, por sua vez, privilegia uma única variante da língua, a norma culta/padrão. Nesse sentido, pode-se perceber que esse conjunto de regras prescritivas do funcionamento da língua carece de uma perspectiva empírica dos fatos relacionados aos diferentes usos linguísticos, estabelecendo-os como sendo “corretos” em detrimento a outros “incorretos”. Além disso, essa ótica “ao não reconhecer a diferença entre a língua escrita e a língua falada passou a considerar a expressão escrita como modelo de correção para toda e qualquer forma de expressão linguística” (FIORIN, 2015, p. 19). Resulta-se,

quando o ensino de língua portuguesa é pautado numa perspectiva normativa, em uma análise de gêneros ditos “discursivos” que reduz a sua complexidade sociológica e, sobretudo, esquece que o sujeito aluno, enquanto leitor age sobre a materialidade que, além de linguística, é social. Assim, “o aluno passa anos e anos, diariamente, em aulas de português, e o que aprende? Sempre as mesmas coisas: o que significa a palavra... telúrico? (...) qual é o coletivo de lobo? qual é o sujeito das orações” (CAGLIARI, 2003, p.24).

Todavia, ainda que a concepção normativa de Varrão⁷⁷ permaneça vigente hodiernamente, os estudos desenvolvidos por Franz Bopp⁷⁸, em sua gramática comparativa de 1816, resultaram não somente em um progresso para um olhar perscrutável para com a língua, mas, também, em um despertar nos estudiosos que se propunham a investigar a complexa relação entre homem e linguagem: a busca por uma ciência autônoma. Todavia, a Linguística tornou-se autônoma apenas na primeira metade do século XX, sob a influência dos preceitos formulados por Ferdinand de Saussure, desencadeando, a partir de seu construto, inúmeros desdobramentos epistemológicos, que ora compactuam com sua teoria, ora a refutam. De um modo geral, as escolas linguísticas que comungam com a definição da linguagem como sendo um instrumento que serve para se comunicar são o **Formalismo**, desmembrado em *estruturalismo e gerativismo*, e o **Funcionalismo**.

O **formalismo**, embora tenha considerado o caráter comunicacional da linguagem, ocupou-se (e ainda se ocupa) de seu funcionamento interno, ou seja, busca descrever o funcionamento linguístico da verbalização, não se ocupando do uso concreto dessa configuração. Uma de suas vertentes de maior destaque é o *estruturalismo*, cuja figura expoente foi Ferdinand de Saussure, marcado pela distinção entre língua e linguagem, ocupando-se em investigar apenas a primeira por considerá-la “um todo em si e um princípio de classificação” (SAUSSURE, 2012, p. 41). O *gerativismo*, por sua vez, iniciado em 1950, nos Estados Unidos, por Noam Chomsky, objetivou elaborar, aos moldes formalistas, um modelo teórico, ancorado na filosofia lógica, capaz de descrever as estruturas sintáticas. Buscou-se, nesse quadro teórico, mostrar, abstratamente, o funcionamento da linguagem humana. Tem-se, portanto, via formalismo, duas vertentes que, ao mesmo tempo que reconhecem o uso comunicativo, preocupam-se em descrever ora a língua, ora a linguagem, de maneira intralinguística, considerando-as enquanto sistemas. Além disso, destaca-se que, tanto o formalismo estrutural quanto o gerativista não deram espaço, em seus bojos epistemológicos, para os estudos do sentido, por isso, na literatura que versa sobre a área da linguística ocorre certa aproximação entre os estudos descritivos formais da linguagem aos prescritivos. Sendo assim, em termos de olhar para os gêneros no ensino, ao

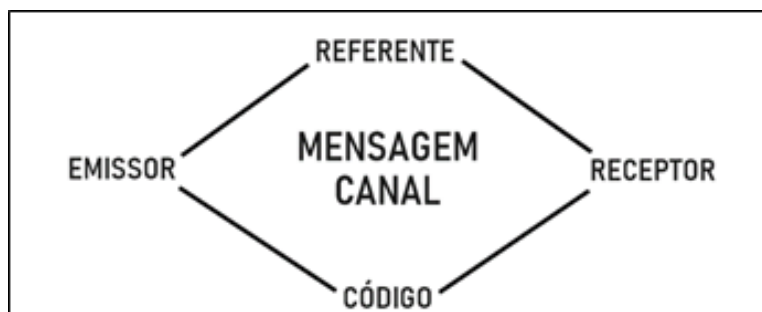
77. Marcos Terêncio Varrão foi um dos precursores nos estudos de gramática normativa, em Roma.

78. Franz Bopp foi um linguista de gramática comparada e responsável por descrever todo o sistema de conjugação do sânscrito.

assumir uma concepção formalista significa considerar a linguagem uma entidade capaz de encerrar e veicular sentidos por si mesma, de expressar o pensamento. De modo geral, a vertente dos chamados estudos tradicionais, incluídos aí os gramaticais, situam-se nessa perspectiva. A perspectiva formalista trata, assim, de uma concepção antiga e de forte prestígio, que concorreu e muito concorre ainda na formação dos docentes de letras. As noções de certo e de *errado*, as tarefas de análise linguística que fica apenas no âmbito da palavra, do sintagma ou da oração, a atividade de interpretação de textos como exercícios da procura do *verdadeiro* sentido ou do que o autor quer dizer são poucos dos muitos exemplos que poderíamos citar de práticas envolvidas nas salas de aula sob a luz da concepção formalista da linguagem. (OLIVEIRA & WILSON, 2015, p. 236, grifos dos autores).

Contrapondo-se, parcialmente, ao posicionamento formalista, surge, em meados do século XX, na seara do Funcionalismo, a Teoria da Comunicação, do linguista Roman Jakobson (2001), cujo principal intuito fora não somente insistir na função comunicacional da linguagem, mas, principalmente, investigá-la. Para tanto, o linguista russo buscou identificar os elementos envolvidos em uma situação de comunicação. Segue, abaixo, um esquema que resume o modelo de comunicação proposto pelo estudioso, bem como suas principais descrições:

Figura 1: Modelo de comunicação proposto por Roman Jakobson



Fonte: elaborado com base em Jakobson (2001).

De acordo com o modelo acima ilustrado, em uma situação comunicativa, um falante (**emissor**) envia uma mensagem a outro (**receptor**) através de um **código** (conjunto de possibilidades e escolhas combinatórias de signos linguísticos). Além disso, tanto o emissor quanto o receptor compartilham de um mesmo **referente**, situação à qual a mensagem se refere, transmitida por um meio físico denominado **canal**. Considerando tais elementos, observa-se que, a segunda concepção, comparada com a primeira, avança, em termos perceptivos, pois vê na linguagem um ato comunicativo. Entretanto, apesar desse aparente avanço, a Teoria da Comunicação e sua concepção de linguagem possui, em seu cerne, algumas limitações.

A primeira delas diz respeito ao fato de que, se considerarmos a língua apenas como um código

combinatório, corre-se o risco de reduzir a linguagem como tendo um objetivo único de transmitir informações, algo semelhante à primeira concepção, desconsiderando a consciência socioindividual de cada usuário da língua e, também, não atentando para o uso linguístico em contextos sociais de maior complexidade. Imbricado a isso, observa-se que essa concepção de linguagem pressupõe uma espécie de “código virtual” cuja apropriação deve seguir os preceitos alfabéticos e gramaticais da língua, cabendo ao professor transmitir, descritivamente, aos seus alunos, tais conhecimentos, para que possam fazer uso do “código” de maneira apropriada. Ademais, ressalta-se que, em muitos livros didáticos de língua portuguesa, tal concepção se faz presente, acompanhada de um discurso que maquia a ideia de normatividade, dizendo-se como ensino descritivo da língua. Entretanto, por não investigar os usos linguísticos e as relações e diferenças existentes entre fala e escrita como sendo práticas sociais, percebe-se que, em termos didáticos, tal concepção:

investiu, erroneamente, no conhecimento da descrição da língua supondo que a partir deste conhecimento cada um de nós melhoraria seu desempenho no uso da língua. Na verdade, a escola agiu mais ou menos como se aprender a usar um interruptor ou uma tomada elétrica fosse necessário saber como a força da água se transforma em energia e esta em claridade na lâmpada que acendemos. Obviamente, há espaço para saber estas coisas todas e há aqueles que a elas se dedicaram e as sabem. Se precisar de uma informação, posso consultá-los. Mas o número de conhecimentos disponíveis na humanidade é imenso e muitas das tecnologias de que dispomos hoje nós sabemos usar, embora não saibamos como elas se produziram nem saibamos explicá-las. (GERALDI, 2002, p. 71).

Depreende-se, a partir das breves reflexões empreendidas na precedência, que tanto o formalismo quanto o funcionalismo, embora responsáveis por desencadearem inúmeras contribuições linguísticas, quando transpostos ao universo do ensino, acabam resultando em metodologias que limitam a natureza da linguagem e, conseqüentemente, dos gêneros, seja de maneira formal ou funcional. Entretanto, a terceira concepção linguística que integra a tríade conceptual linguística ultrapassa as arestas impostas pelas formulações anteriormente mencionadas.

Segundo Geraldi (2004), a concepção de linguagem que a concebe como sendo uma forma de interação corresponde à Linguística da enunciação⁷⁹. Trata-se de uma visão da linguagem que prioriza o sujeito de diferentes maneiras, a depender de qual teoria enunciativa se adota. Entretanto, o que importa, por ora, é o fato de que essa concepção percebe que o sujeito, ao fazer uso da língua, não somente exterioriza um pensamento ou transmite uma informação, mas, além disso, exerce influências e age

79. Presume-se que João Wanderley Geraldi, ao fazer correspondência entre a concepção interativa da língua e à Linguística da Enunciação, significou a enunciação, em termos gerais, como sendo uso da língua. Salienta-se isso pelo motivo de o autor ter agrupado na Linguística da Enunciação outras linguísticas, como, por exemplo, a Linguística do Texto, a Análise do Discurso, a Linguística Sistêmico-funcional, Sociolinguística, etc. Entretanto, cabe esclarecer que, apesar de todas essas linguísticas se preocuparem com o uso da língua, constituem-se, epistemologicamente, de formas distintas, pois conceitos como texto, discurso, enunciação e, inclusive, a própria natureza do signo linguístico, oscilam e mudam de perspectivas, a depender da filiação teórica a que determinada linguística se propõe. Um exemplo exímio disso são os teóricos Bakhtin e Benveniste que, ambos, teorizam sobre discurso e enunciação, porém o primeiro percebe o sentido como sendo, muitas vezes, externo à linguagem, e o último vê o sentido como sendo intralinguístico, ligando-se ao pensamento saussuriano, muito criticado por Bakhtin.

sobre seu interlocutor (ouvinte/leitor), além de constituir-se, nessa relação de alteridade, enquanto sujeito de sua fala/escrita. Nesse sentido, constata-se que adotar essa concepção é perceber que não há a possibilidade de existir um “eu” que fala e escreve sem um “tu” que lê e ouve, pois, é na interação que a linguagem ocorre. Logo, a língua, por esse prisma, passa a ser vista como um conjunto de práticas sociais historicamente contextualizadas que “não está de antemão pronta, dada como um sistema do qual o sujeito se apropria para usá-la segundo suas necessidades específicas do momento de interação, mas que o próprio processo interlocutivo, na atividade de linguagem, a cada vez a (re) constrói” (GERALDI, 2002, p. 5).

Cabe ainda observar que, dentro deste grande escopo visionário da linguagem, não se pode reduzir a interação apenas a um ato comunicativo, uma vez que nela, além de troca de informações e comunicação, ocorre também a concretização de discursos, materializando a enunciação de um sujeito que “escolhe as palavras não do dicionário, mas do contexto da vida, onde elas se segmentaram e se impregnaram de avaliações. Desse modo ele escolhe as avaliações relacionadas às palavras, sendo que isso ocorre do ponto de vista dos portadores encarnados dessas avaliações” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 131).

Considerando, então, o que foi explicitado a respeito da terceira concepção de linguagem, infere-se que seu reflexo em práticas de sala de aula resultará em um ensino que valoriza as práticas discursivo-enunciativas do aluno, que já não é mais um sujeito passivo perante o sistema da língua. Pelo contrário, tem-se, nessa perspectiva, sujeitos que interagem ativamente na constituição de ações interlocutivas. Consequentemente, nas atividades propostas em sala de aula, haverá, principalmente, trabalhos com textos contextualizados, tentativa de domínio efetivo da norma padrão a partir de uma análise linguística funcional nas modalidades oral e escrita, não havendo espaço para preconceitos linguísticos, pois, nesse prisma, leva-se o aprendiz a “considerar suas práticas discursivas, bem como aprender que a língua funciona como uma espécie de ‘roupa’, podendo o aluno vestir suas variadas “roupagens”, a depender do contexto e situação de uso” (PASCHOAL, 2019, p.79). Além disso, o sentido, sob a égide dessa perspectiva, não é concebido de forma unilateral, uma vez que ele é produto da práxis humana. Dentre as muitas esteiras teóricas que compõem essa concepção, destaca-se a dialógica, segundo a qual, “não pode haver um sentido único (um só). Por isso não pode haver o primeiro nem o último sentido, ele está sempre situado entre os sentidos, é um elo na cadeia dos sentidos, a única coisa que pode ser real em sua totalidade” (BAKHTIN, 2017, p. 42), viés que será pormenorizado na subsequência desta reflexão.

Teoria dialógica do discurso: alguns princípios basilares

Desde seu princípio, a Teoria Dialógica do Discurso, postulada pelo Círculo de Bakhtin⁸⁰, caracterizou-se como sendo um quadro teórico de rupturas. Buscando uma visão não mecanicista para o “fazer” ciências humanas por meio de estudos enunciativo-discursivos, contrapôs-se, em sua gênese, não somente aos estudos formais relacionados à área da Linguística (objetivismo abstrato e subjetivismo individualista), mas, também, às diversas vertentes filosóficas que, até então, existiam.

No entanto, contrariamente ao que muitas leituras deturpadas da obra bakhtiniana atestam, a Teoria Dialógica, embora tenha lançado um novo olhar à linguagem, não dispensara os estudos linguísticos caracterizados pela imanência. Mesmo assim, empreendeu-se a investigar a sociedade, tendo em vista

o discurso, ou seja, a língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da Linguística, obtido por meio de uma abstração absolutamente legítima e necessária de alguns aspectos da vida concreta do discurso. Mas são justamente esses aspectos, abstraídos pela Linguística, os que têm importância primordial para os nossos fins. Por este motivo as nossas análises subsequentes não são linguísticas no sentido rigoroso do termo. Podem ser situadas na Metalinguística, subentendendo-a como um estudo – ainda não constituído em disciplinas particulares definidas – daqueles aspectos da vida do discurso que ultrapassam – de modo absolutamente legítimo – os limites da Linguística. As pesquisas metalinguísticas, evidentemente, não podem ignorar a Linguística e devem aplicar os seus resultados. A linguística e a Metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e sob diferentes ângulos de visão. Devem completar-se mutuamente e não fundir-se. (BAKHTIN, 2002, p. 181).

Partindo dessa premissa, o Círculo de Bakhtin lapida seu movimento teórico-metodológico com o intento de ressignificar preceitos elaborados pelo materialismo dialético histórico⁸¹, ocupando-se da linguagem e seu uso concreto em diferentes instâncias da organização social. Em outras palavras, a Metalinguística (ou a Translinguística, como prefere Todorov⁸²), busca perscrutar como ocorrem as projeções na linguagem/discurso das relações coercitivas na sociedade, ocasionadas, principalmente, pelas diferenças socioeconômicas. Segundo os preceitos bakhtinianos, a linguagem é responsável por configurar essas tensões, anunciadas pelo discurso, e, além disso, desencadear as grandes mudanças sociais. Deste modo, até um símbolo como a cruz suástica, por exemplo, torna-se objeto analítico, uma vez que, além de não haver espaço, nesse arcabouço teórico, para dicotomias⁸³, nessa simbologia habitam diversas

80. O Círculo de Bakhtin foi um grupo composto por intelectuais russos ligados as mais diversas áreas do conhecimento que desenvolveram propostas de ordem sociofilosófica na área da linguagem. Dentre os nomes que mais se destacaram pela proficiência intelectual, estão Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pavel Medvedev.

81. O materialismo dialético histórico consistiu em uma vertente teórico-filosófica elaborada por Karl Marx e Friedrich Engels que se propôs a descrever o funcionamento da sociedade por meio das relações trabalhistas.

82. Tzevetan Todorov foi um linguista e filósofo búlgaro que, por meio do olhar semiótico, investigou as obras do Círculo de Bakhtin.

83. Durante a leitura de obras bakhtinianas, pode-se perceber que, muitas vezes, termos como *língua*, *linguagem*, *discurso*, *enunciação*, *enunciado*, entre outros, são tratados como correlatos. Isso ocorre, possivelmente, pelo fato de a teoria priorizar em suas investigações produto e processo verbal, sempre em dialogicidade.

roupagens semânticas, diversos fios discursivos com sentidos entrecruzados e, muitas vezes, contraditórios.

Imbricado, portanto, nessa proposição, o arcabouço teórico bakhtiniano edificará, na arquitetônica de sua obra, uma vasta e complexa gama de conceituações que, reciprocamente, se constituirão, dificultando, para qualquer pesquisador que se lance aos estudos de sua vertente, segmentar sua teoria. Contudo, por questões analítico-metodológicas que engendram o objetivo nodal do número temático deste periódico, será feito, neste artigo, um recorte alinhado ao escopo dos gêneros do discurso. Por isso, dentre os inúmeros conceitos que emergem da proposta bakhtiniana, há uma díade basilar que compreende duas concepções ressonadas em todas as outras: o **dialogismo** e a **ideologia**.

O primeiro, **dialogismo**, diz respeito, em termos gerais, às relações de sentido estabelecidas, inerentemente, no e pelo discurso. Por essa inerência dialógica, a interação discursiva, sob o viés bakhtiniano, não ocorre, necessariamente, no nível do manifestado, em textualidades mostradas, ditas. Pelo contrário, trata-se de relações semânticas e, portanto, encontram-se no nível axiológico, naquilo que não está expresso em materialidades linguístico-discursivas e, mesmo assim, faz-se presente, é o não dito que é dito indiretamente. Isso nos leva a apreender que quando alguém enuncia está, explícita ou implicitamente, ao mesmo tempo, compactuando e/ou refutando com discursos alheios, já proferidos e semantizados em algum momento na malha discursiva universal. Por isso,

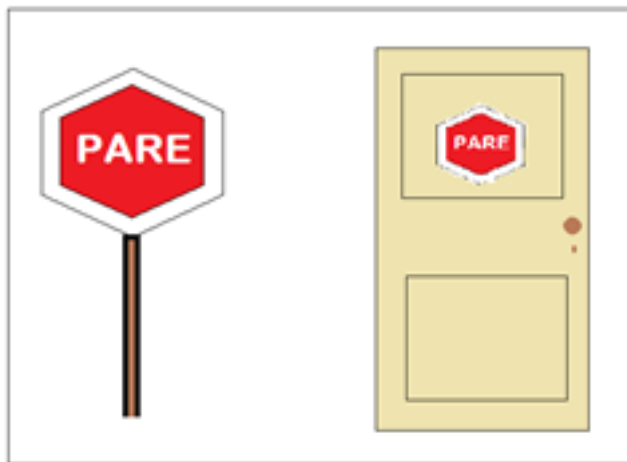
Mesmo os sentidos do passado, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, jamais podem ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre hão de mudar (renovando-se) no processo do futuro desenvolvimento do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em um novo contexto) (BAKHTIN, 2017, p. 79).

Além do dialogismo constitutivo da linguagem, imbrica-se, na discursivização, a **ideologia**, correspondendo, sumariamente, a um ponto de vista do sujeito social frente a uma materialidade semiótica. Desse modo, qualquer elemento do real que habite a vida concreta de uma sociedade e que seja avaliado por, no mínimo, dois seres, será considerado, à luz bakhtiniana, um **signo ideológico**,

seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou um produto de consumo – mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora de seus limites. Tudo que é ideológico possui uma significação: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um signo. Onde não há signo também não há ideologia. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91).

Diante do que foi exposto até o momento, analisemos, para fins de exemplificação, a seguinte imagem:

Figura 2: Situações discursivas da placa PARE.



Fonte: Elaborado pelos autores.

Pode-se perceber que a primeira imagem é a representação de uma placa de trânsito que, por sua vez, é produzida, através da atividade humana, pelo uso de diferentes materiais: alumínio, madeira, tinta, palavra, etc. Todas essas materialidades que compõem a placa, ao serem entrecruzadas, constituem um símbolo que, em uma sociedade organizada, irá adquirir uma única significação. A simples palavra *pare*, por exemplo, em termos de língua, possui um sentido imperativo. Trata-se de uma palavra/frase que possui características léxico-gramaticais como estar no verbo imperativo, indicando uma ordem. No entanto, esse mesmo símbolo, quando contextualizado em uma situação discursiva diferente (segunda imagem), adquirirá um tom valorativo social diferente, tornando-se signo ideológico. O símbolo placa, disposto na porta de um dormitório, será semantizado não somente por quem a colocou, mas, sobretudo, em um processo interativo verbal, por quem a leu que, diferentemente do que ocorre no trânsito, poderá lhe dar valores diversos. Quem enunciou pode estar querendo transmitir ideias como não me incomode, bata antes de entrar, deixe-me no meu mundo, e assim por diante. Quem leu, processo também enunciativo, poderá valorar essas ideias como arrogância, frieza, distanciamento, etc.

O que se depreende, a partir das observações precedentes, é que o ato de valorar, dar sentido, perceber algo, consiste, pelo viés do Círculo de Bakhtin, em ideologia, a qual evoca, necessariamente, a existência de sujeitos que configuram e dão existência/vida a uma dada realidade. Esse fazer existir uma concretude, geralmente, é configurado em palavras⁸⁴, que servirão como uma espécie de reflexão sobre algo. Por isso, “*a palavra é o fenômeno ideológico par excellence. Toda a sua realidade é integralmente absorvida na sua função de ser signo*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 98, grifos do autor).

84. Para o Círculo de Bakhtin, não somente aquilo que é verbalizado é ideologia. Até mesmo o ato de silenciar está carregado de ideologização. Portanto, os discursos, por exemplo, de neutralidade, demonstram, evidentemente, uma axiologia, um ponto de vista.

Esse filtro avaliativo dos sujeitos pelo qual o universo sociosemiótico passa, manifesta-se, sob diferentes formas, podendo se configurar, tanto por meio da linguagem verbal quanto pelas diversas formas de manifestação imagéticas que existem (arte pictórica, cinematográfica, plástica, musical, diálogo do cotidiano, etc.). O conjunto desta cadeia discursiva ininterrupta, que forma, metaforicamente, uma malha social da linguagem, dá-se sempre por meio da interação entre os sujeitos que, convertidos em locutores, manifestar-se-ão sob a forma de enunciados concretos, atrelados a uma esfera de atividade humana, ornamentados em gêneros do discurso. Como dito em momentos precedentes, o Círculo de Bakhtin se interessou pelo estudo da comunicação discursiva presente na vida social e concreta. Por isso, objetiva-se, na próxima seção, reafirmar essa investigação bakhtiniana, buscando mostrar a natureza dos enunciados atrelados aos gêneros do discurso.

Gêneros discursivos: a encruzilhada da linguagem

O estudo dos gêneros remonta à Grécia Antiga, anunciados nas filosofias aristotélicas e platônicas e reverberados nas mais diferentes linguísticas que incluem, desde os estudos da Linguística Sistêmico-funcional até os empreendimentos teóricos das linhas teóricas textuais. No entanto, em todos esses empreendimentos teóricos, manifestaram-se concepções de gêneros que os concebem como sendo formas fixas, produto acabado, dando-lhe, conseqüentemente, um caráter normativo. Embora esses vieses nos elucidam a organização interna da linguagem, mesmo que ligada a sua funcionalidade, “a questão geral dos gêneros discursivos nunca foi verdadeiramente colocada. O que mais se estudava eram os gêneros literários” (BAKHTIN, 2016, p.13).

Por conseguinte, para que se compreenda, portanto, a natureza dos gêneros discursivos, é necessário investigar aquilo que o Círculo de Bakhtin considerará como sendo o seu cerne: **o enunciado concreto**. Entende-se, nesse quadro teórico-filosófico, por enunciado, toda e qualquer manifestação (verbal ou não verbal) ornamentada por alguém com algum intento. Assim,

o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esse três elementos – o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional – estão indissolúvelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo de atuação. (BAKHTIN, 2016, p. 12).

O que Bakhtin tenta evidenciar, nessa passagem, é que há, no processo de construção do enunciado, elementos que o fazem se transformar uma unidade semântica, sendo o sentido lapidado por, no mínimo, dois homens, duas vozes sociais. Trata-se da **arquitetônica interna**

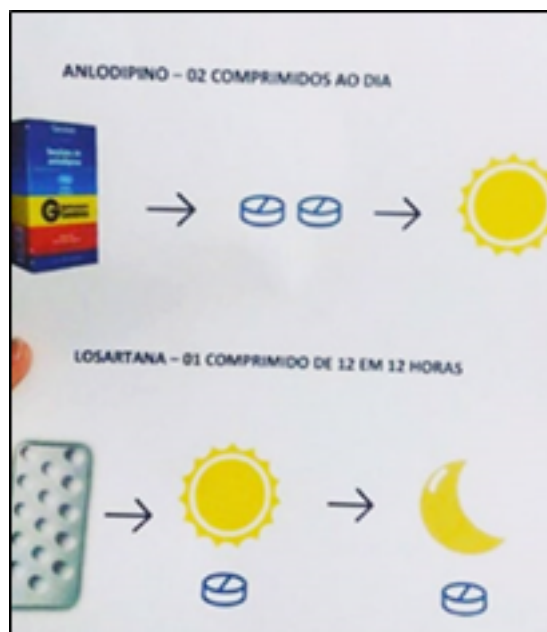
do processo de enunciação, composta por **tema, forma de composição e estilo**. O **tema**, considerado o tópico do discurso, é o sentido do todo manifestado e, por isso, não pode ser confundido com **assunto**, uma vez que, por exemplo, uma obra literária pode ter como temática a guerra e tratar sobre o assunto relacionamento amoroso. **A forma de composição**

consiste no projeto enunciativo do locutor, a maneira pela qual o discurso é lapidado em termos oracionais. Por fim, o **estilo**, é a maneira específica pela qual o locutor se enuncia, podendo variar, linguisticamente, em diferentes graus e proporções, a depender do tema e da composição em que se engendra. Trata-se, sumariamente, das escolhas lexicais e gramaticais que caracterizam a estilização discursiva do locutor. No entanto, salienta-se que, nesse lapidar enunciativo, o interlocutor possui responsabilidade, “uma vez que não somente quem enuncia que está agindo na/ pela linguagem, mas, também, o interlocutor” (PASCHOAL, 2020, p.4).

Além disso, ao dar ao enunciado um caráter evêntico, Bakhtin atenta para o fato de os sujeitos de uma sociedade atuarem sempre em esferas de atividade (escola, igreja, faculdade, trabalho, etc.), e, por esse motivo, acabam por construir inúmeras manifestações (primárias e secundárias⁸⁵) relativamente estáveis, denominadas, pelo estudioso, de **gêneros do discurso**. Isso demonstra que, embora a arquitetura interna dos enunciados apresente um grau linguístico-formal de repetibilidade, não se pode considerá-los estáticos, uma vez que há inúmeros elementos que circundam a sua construção, influenciada pelo seu contexto de produção, a sua **arquitetônica externa**, extraverbal, enfim, o seu gênero do discurso. Analisemos, para fins elucidativos, o gênero receita médica, esboçado na subsequência:

85. Apesar de Bakhtin, em sua obra intitulada Os gêneros do discurso fazer uma diferenciação entre gêneros primários e secundários, o próprio autor demonstra que essa dicotomia não é produtiva, uma vez que ambos se constituem na relação dialógica composicional.

Figura 3: Receita médica.



Fonte: Dentista (2019, [s/p]).

O gênero discursivo *receita médica*, ligado à esfera profissional da saúde, apresenta, geralmente, em sua construção composicional, características linguístico-formais predominantemente descritivas. Trata-se de uma manifestação verbal escrita, configurada em verbos no imperativo, cuja finalidade é prescrever, quase sempre, o uso de um fármaco em prol de uma possível melhoria na saúde de um dado paciente. Entretanto, a imagem antecedente do gênero receita desmistifica, em certa medida, o grau de padronização que esse gênero mantém nos estudos formais da língua.

No dia 21 de maio de 2019, na cidade de Salvador (BA), o dentista Ricardo Cayres facilitou a compreensão de uma receita médica para uma paciente analfabeta. Durante o atendimento rotineiro de saúde bucal, Cayres percebeu que a pressão arterial de sua paciente estava alterada e, ao estabelecer um diálogo com ela, detectou o uso indevido de medicamentos. Pressupondo como sendo o analfabetismo o principal motivo, o dentista resolveu reconfigurar, digitalmente, a receita escrita por outro profissional para que a paciente de 60 anos fizesse devidamente o uso oral de medicamentos para a pressão arterial. De forma criativa, Ricardo Cayres utilizou de figuras de sol e de lua para representar os períodos matutino e noturno; fotografou a embalagem dos dois tipos de medicamentos necessários, servindo para identificação de sua interlocutora; e, por fim, ilustrou, repetidamente, os comprimidos, representando assim a quantidade necessária de ingeri-los.

Essa situação discursiva demonstra que, embora exista uma certa padronização no processo de construção dos gêneros do discurso, muitas vezes será a situação extraverbal que ditará sua manutenção formal ou não, uma vez que diversos fatores sociológicos se fazem refletidos em um projeto

enunciativo. No caso da interação discursiva entre dentista e paciente, as condições socioeconômicas da interlocutora agiram sobre o enunciado, o discurso do paciente fez-se refletido no discurso do profissional odontológico. Esse fenômeno reitera o prisma que sugere a natureza relativa, híbrida e infinita dos gêneros discursivos, nos quais

a enunciação será sempre, no mínimo, de dois sujeitos discursivos, pois, por meio da (inter)ação verbal, ambos agirão em sua constituição. Portanto, por mais que o estilo seja individual, para o Círculo de Bakhtin, essa individualidade é também constituída pelo social, ou seja, o discurso do outro estará presente no meu discurso e, ao proferir, o locutor considera a palavra alheia (endereçamento), configurando, dessa forma, a sua. (PASCHOAL, 2020, p. 5).

Além da tentativa indevida para o enquadramento estático da composição dos gêneros, presencia-se, frequentemente, em materiais que norteiam o trabalho pedagógico e que se dizem orientados pela ótica bakhtiniana, a banalização do conceito de *dialogismo*, característica inerente aos gêneros discursivos. Frequentemente, presenciaram-se elucubrações teóricas atrelando à visão dialógica do discurso o termo *intertextualidade*. Isso se dá pelo fato de, em 1967, na revista francesa *Critique*, a semioticista Julia Kristeva, na tentativa de apresentar seus estudos sobre a obra de Bakhtin, considerar texto aquilo que o teórico denominará de *enunciado*. Contudo, para a teoria dialógica, o *texto* é uma manifestação possível do *enunciado*, sendo este um posicionamento do sujeito e passível de diferentes configurações, não somente textual-escrita. Vejamos, por exemplo, o gênero cartaz a seguir, para fins de esclarecimento no que concerne às diferenças conceituais entre *intertextualidade* e *dialogismo*:

Figura 4: Cartaz de desaparecimento



Fonte: CGNOTÍCIAS (2019).

Marcado pela funcionalidade informativa e, muitas vezes, apelativa, o gênero cartaz pode se configurar em diversas esferas de atividade, desde campanhas eleitorais até propagandas cinematográficas. Geralmente, um cartaz não possui um único locutor, mas um conjunto de locutores, pois sua natureza híbrida exige sujeitos ligados a diferentes áreas de conhecimento. A ilustração precedente, por exemplo, refere-se a um cartaz cujo intuito principal é informar o desaparecimento do jovem Rodolfo de Souza Silva. Na sequência de seu nome, em ordem descendente, observam-se informações espaço-temporais que descrevem sua última aparição. Após, por meio do verbo *pedir*, no presente do indicativo, aflora-se a função apelativa de uma das vozes que habita o gênero – podendo ser um familiar-endereçada ao(s) interlocutor(es) pouco presumidos neste caso. A depender da esfera de divulgação em que o gênero se apresentar, a quantidade de ligações feitas ao número grafado será, consideravelmente, distinto, em termos estatísticos. Logo, apreende-se que se trata de um gênero discursivo dito cartaz que, em termos gerais, apresenta as características repetíveis de sua configuração habitual. Todavia, observemos o seguinte gênero:

Figura 5: Exemplificação do gênero meme.



Fonte: GALVANI (2019, [s/p]).

Em um primeiro momento, o primeiro fenômeno de leitura que esse gênero pode ocasionar é a sua identificação formal com um cartaz de desaparecimento, levando os analistas e/ou leitores a lhe colocarem sob o limbo teórico da *intertextualidade*. Podem ser observadas inúmeras aproximações com o cartaz anteriormente apresentado:

A palavra *desparecido* destacada no topo, a imagem do sujeito referente à temática, seu nome, as informações espaço-temporais de sua última aparição e, como no anterior, um número para contato. E, começando por essa última informação, podemos traçar caminhos de que, na relação estabelecida entre esses dois gêneros, há apenas o fenômeno intertextual, mas não existe relação dialógica entre ambos. Primeiro, porque o número 171 traça relações de sentido com efeitos de mentira, socialmente ironizado, principalmente por grupos jovens, representando alguém muito fingido, alguém 171. Além disso, o nome e a fotografia que compõem a manifestação textual referem-se a alguém que, no âmbito político nacional, tornou-se figura pública.

Fabrizio Queiroz, referenciado no universo midiático como *Caso Queiroz*, é um policial militar e ex-assessor parlamentar de Flávio Bolsonaro, filho do atual presidente da república, que, desde o dia 6 de dezembro de 2018, passou a ser investigado por movimentações bancárias atípicas de sua conta. Desde esse momento, Queiroz ausentou-se de suas atividades trabalhistas e sociais, causando grande fervor no âmbito judiciário e investigativo. Segundo dados divulgados em diversas plataformas jornalísticas, o Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf) apontou, via relatório, a movimentação no valor de R\$1.236.838,00, entre janeiro de 2016 a janeiro de 2017. O que mais chamou a atenção pública, além do considerável valor monetário, foi o fato de Queiroz, por exercer funções de motorista e segurança parlamentar, possuir em sua conta essa quantia em capital. Esses elementos explicam e semantizam a presença do termo laranjas, no gênero observado, levando o leitor a associar, ironicamente, esse valor ao filho do presidente e a função de intermediador fraudulento ao assessor Queiroz. Durante a textualidade, atesta-se o tom irônico, configurado pelo uso de termos que, em um campo semântico socioideológico, mostram-se contraditórios: *milionário versus senhor humilde, milionário versus apartamento simples, milionário versus motorista*.

Logo, compreende-se, a partir desse conjunto de aspectos configurativos, que o presente gênero dialoga, não como o cartaz que lhe antecede, mas com os discursos que permeiam o âmbito da política de oposição a Flávio Bolsonaro, com o discurso atônito de alguns sujeitos do judiciário pelo sumiço do investigado, com algumas esferas jornalísticas, quando responsáveis com a verdade e exigem uma resposta, etc. Além disso, embora apresentando características de cartaz, não se pode considerá-lo como tal, uma vez que sua fonte de divulgação foram as redes sociais, não se apresentando em esferas jornalísticas como jornais, revistas, reportagens televisivas, entre outras. Por isso, considera-se como sendo meme, um gênero discursivo presente apenas (por enquanto) na esfera digital, de cunho irônico quando direcionado à esfera política. Reitera-se, diante dessa sumária análise, o caráter dialógico dos gêneros, que se entrecruzam formando

outros e sempre apontam, em termos de sentido, para uma realidade que lhes é externa.

Considerações finais

Diante das reflexões empreendidas no presente artigo, nesse momento não tão conclusivo, faz-se necessária a retomada de algumas pontuações nodais que aqui foram enunciadas. Em relação às concepções de linguagem que norteiam o pensamento linguístico e se mostram ressoadas no espaço escolar, discutiu-se, a partir de seus construtos, algumas possíveis implicações dessas abordagens no processo de transposição didática ao estudo dos gêneros. Embora se tenha afirmado que as acepções que consideram a linguagem como sendo uma expressão do pensamento e/ou um instrumento de comunicação possuem um caráter, respectivamente, prescritivo e descritivo, não se deve deslegitimá-las. Isso se justifica pelo fato de se tratar de formação linguística, em que se presencia uma complexidade de fatores que a orbitam. No que diz respeito à vertente que concebe a linguagem como sendo uma forma de interação, atestou-se uma diversidade de Linguísticas que compõem esse escopo conceitual, sendo que muitas delas, mesmo inclinadas ao norte interacionista, mostram-se atreladas aos quadros epistemológicos do formalismo e/ou funcionalismo.

Buscando, sem extremismos, certa ruptura com olhares estanques dados à linguagem, este trabalho apresentou, sumariamente, a Teoria Dialógica do Discurso, postulada pelo Círculo de Bakhtin, como sendo uma opção considerável para com o trato dos gêneros discursivos em sala de aula. Nesse sentido, o que justificou essa escolha foi justamente a concepção sociológica que este arcabouço teórico fornece para as investigações enunciativo-discursivas, podendo conjurar subsídios teóricos para um ensino que rechaça noções de formação linguística nas quais os alunos “passarão alguns anos na escola sem saber que poderão acertar o sujeito da oração, mas nunca serão o sujeito das suas próprias histórias” (ALMEIDA, 2004, p.16).

Durante a exposição, pôde-se perceber que a Teoria Dialógica do Discurso, ao imprimir à linguagem um caráter discursivo, evidencia que a produção de sentidos em enunciados convertidos em gêneros, é evocada não somente pelo aspecto intralinguístico, mas, sobretudo, pelo translinguístico. Avista-se, a partir disso, a inerência dialógica dos gêneros do discurso, enquanto um espaço de contradição, habitado por prolegômenos extraverbaes como os sujeitos, a ideologia, as esferas de atividade humana e suas orientações semântico-axiológicas.

Preconizando um ensino de gêneros pautado nessas breves considerações, emergiu-se, ainda, a necessidade de não apenas esboçar a inerência dialógica do universo textual-discursivo, mas, também, de salientar que subjaz a

existência material de um dado projeto enunciativo. Nesse percurso, destacou-se que os sentidos, sempre no plural, não estão no autor, no gênero discursivo ou no leitor, mas, sim, na relação dialógica estabelecida nessa tríade, configurando-se, muitas vezes, em um pacto semântico tensivo. Pode-se se dizer que, sob o viés dialógico, o gênero não é somente um lapidar do pensamento cognoscível, mas, acima de tudo, um ponto de encontro intercognoscível, em que consciências socioideológicas se encontram, concordam ou discordam, criticam, posicionam-se, resignificam. Enunciar é, bakhtinianamente, enunciar-se e, nesse processo, faz-se imperativa a presença de outras vozes.

Enfim (e sem fim), cabe sublinhar que pensar sobre os gêneros do discurso, à luz bakhtiniana, é buscar ter ciência de que na linguagem habitam múltiplas vozes que se entrecrocaram. Essa premissa, se tomada como arcabouço de ancoragem para o ensino, fornece ao aluno a capacidade de construir um pensamento dialético, tornando-o um leitor crítico, capaz de identificar as diversas facetas sociais projetadas no e pelo discurso. Todavia, será que o universo pedagógico tem buscado formar sujeitos que observam a coerção social na linguagem, as diferenças sociais nela ecoadas? Será que os ditos tutores da educação, sobretudo os políticos, estão dispostos a serem desvestidos discursivamente pelo âmbito escolar? O Círculo de Bakhtin ousou fazê-lo, desnudando a sociedade de sua época. Ousemos.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Milton José. Ensinar Português? In: GERALDY, José Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paulo Bezerra, 3.ed., Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2002.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 2003.

CGNOTICIAIS. Disponível em: <<https://cgnoticias.com.br/jovem-de-monsenhor-hipolito-pi-esta-desaparecido-ha-tres-dias-em-sao-bernardo-do-campo-sp/rodolfo-de-souza-silva-desaparecido-cartaz/>>. Acesso em: 14 dez. 2019.

DENTISTA ilustra receita médica para paciente analfabeta que errava remédios. **Só notícia boa**. 21 mai. 2019. Disponível em: <<http://www.sonoticiaboa.com.br/2019/05/21/dentista-ilustra-receita-medica-para-paciente-analfabeta-errava-remedios/>>. Acesso em: 01 set. 2019.

FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à linguística I** – Objetos Teóricos. São Paulo: Contexto, 2015.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Contexto, 2016.

GALVANI, Giovana. Rir para não chorar: 11 memes para os 100 dias do governo Bolsonaro. **Carta capital**. 10 abr. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/humor/rir-para-nao-chorar-11-memes-para-os-100-dias-do-governo-bolsonaro/>. Acesso em: 14 dez. 2019.

GERALDI, José Vanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação**. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

GERALDI, José Vanderley. **O texto na sala de aula**. São Paulo: Ática, 2004.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 2001.

OLIVEIRA, Mariângela Rios de; WILSON, Victoria. **Linguística e ensino**. In: MARTELOTTA (Org.). Manual de Linguística. São Paulo: Contexto, 2015.

PASCHOAL, Cristiano Sandim. Língua, pra que te quero?: princípios sociolinguísticos aplicados ao ensino de Língua Portuguesa. **Revista Signos**. Lajeado, ano 40, n. 2, 2019. ISSN 1983-0378 DOI: <http://dx.doi.org/10.22410/issn.1983-0378.v40i2a2019.2365> <http://www.univates.br/revistas>.

PASCHOAL, Cristiano Sandim. O novo tom axiológico da expressão “cidadão de bem”: refrações semânticas e indícios de estratificação da sociedade brasileira. **Revista memento** - ISSN 1807-9717. Departamento de Letras – UNINCOR, v. 11, n. 1 (janeiro-junho de 2020).

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

INEP. Avaliações e exames educacionais, 2018. Disponível em: <[avaliações e Exames Educacionais — Inep \(www.gov.br\)](http://www.gov.br/inep)>. Acesso em: fev. de 2021.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. São Paulo: Cortez, 1998.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova. Américo. São Paulo: Editora 34, 2019.